


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

 VALER DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZE ANOS
 FUNDADOR Padre Américo COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO


A OBRA DA RUA CONTINUA A CRESCER. EIS MAIS UM NETO — O ZÉ PEDRO — FILHO DO ZÉ LEMOS.

Aqui, Lisboa!

Temos acompanhado, embora ao de leve, toda a série de legislação promulgada pela Câmara de certo país da Europa no que diz respeito ao aborto e às perversões entre indivíduos do mesmo sexo. Pasmamos que seja possível, em nome da liberdade e do progresso, aprovar normas de conduta tão imorais, pondo de lado o Decálogo e tornando legal o que repugna à mais embutida sensibilidade, por ser contra a Natureza. Estamos numa época da História em que lavra tal desorientação que torna difícil viver-se dignamente e de cerviz direita. Não sabemos o que nos reserva o futuro e as imagens de Sodoma e Gomorra chegam-nos à mente. Felizes os homens que ainda têm fé e para quem os valores do espírito não são letra morta.

Há instantes, precisamente, folheando um vespertino, deparamos com duas notícias, oriundas do país acima referido, que nos levaram a arregalar os olhos duas ou três vezes e a pensar em possíveis lapsos tipográficos. Mas não, a realidade era bem outra. Ora vejamos: «O projecto de lei autorizando as relações homossexuais entre adultos foi adoptado, ontem à noite, sem voto, e mais: «Criadas nuas da

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

Pelas informações que nos deram quando nos apresentaram os miúdos, ficámos preocupados com o seu estado de mentalidade e quisemos ir vê-los no seu ambiente.

Fomos primeiro ao de mais longe. Os vizinhos (incluindo o Pároco) foram de carinho. O pequenito de 5 anos, mas com aspecto de 2 ou 3, é dado com toda a gente. A Mãe, uma pobre rapariga filha ilegítima, veio há anos de Lisboa. Não tem família. Deu-se ao vinho e aos homens que dela quiseram abusar.

Vi a mansarda em ruínas onde ela viveu com seus 4 filhos e onde uma manhã foi encontrada morta. Os filhinhos ficaram. Duas famílias tomaram os dois mais velhos, e trouxemos connosco o mais novo. Pedimos uma fotografia da mansarda para um dia mostrarmos ao Agostinho quando for homem. Ele, que vein connosco alegremente, há-de amaldiçoar quem o gerou e lhe matou a mãe e o fez viver naquele tugúrio.

De regresso, deseemos a uma vila próxima, à procura de outro. A primeira pessoa com quem encarámos foi o único

TRIBUNA DE COIMBRA

familiar do pequeno: um tio, que estava carregado de vinho e de taras. Deu-nos vontade de fugir e não ver mais ninguém. Recebeu-nos uma família carinhosa e caridosa. Chamaram o Manelo, como ele diz. Quando o vi mudei de cor. O Manelo tem 6 anos, muito franzino e

com cara de tarado. Na conversa não lhe encontrei raciocínio e desatou num choro que durou muito. Enquanto Manelo chorava falei-lhe na vida de álcool e prostituição que a mãe levava. Mostraram-me os pinhais, onde ele mais a mãe passavam os dias e as noites e onde homens selvagens a procuravam. Apontaram-me o poço onde a Mãe foi encontrada morta.

Não encontrei ninguém que quisesse o Manelo. Hesitei algum tempo e acabei por o trazer.

Enquanto olhava para aquelas terras habitadas por gente muito cristã fui-me doendo do nosso cristianismo que ainda

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

LAR DE LISBOA

Sempre se comprou. Ou melhor, está-se comprando — que as operações burocráticas preliminares e intermédias não são de um dia pró outro!

Afinal não é o último andar com sótão, nem os dois andares lado a lado. Descemos ao rés-do-chão por causa do pequenino quintal e ficámos só com o do lado direito. É aí onde se pode chegar com a «prata da casa». E com dinheiros por lá a gente não gosta de trabalhar.

Para os próximos anos, remediamos assim. Mais tarde

Deus dirá como há-de ser.

Também não podemos ir habitar imediatamente o nosso rés-do-chão, porque faltam ainda umas vistorias e não sei mais quê.

Logo que ali nos instalemos, «O Gaiato» dirá a todos os nossos Amigos de Lisboa e seus confins que lá os esperamos. Por ora fechou o Lar da R. dos Navegantes. Quem costumava ir por lá, por ora tenha paciência e vá em pessoa ou por carta, ao Tojal

— Loures; ou pelo telefone 2 53 90 19.

Filhos ilegítimos?

Ainda a justificar a sua perspectiva de que não é de «atribuir-se excessivo valor» ao regime legal no «favorecer do abandono desses filhos (os ilegítimos) e a irresponsabilidade dos pais», o legislador abona-se com uma outra «lição dos factos»: «Se bem se pensar, ver-se-á que os pais legítimos, na quase totalidade, velam pelos filhos por imposição dos afectos que naturalmente lhes dedicam e da consciência espontânea e viva dos seus deveres, e não pelo facto de a lei reconhecer directamente esses filhos e assim tornar mais prontos e eficientes as garantias de que lhes

rodeia a situação familiar e social; e tanto é esta verdade que, quando algum deles infringe esses deveres, as garantias em questão mostram-se muito pouco eficazes, motivo de em muitos países se haver, modernamente, tentado completá-las por via penal, remédio esse, aliás, muito precário e cheio de perigos para a família (...). Não é, portanto, no mero regime legal que podemos encontrar a causa de inferioridade de condição física e moral, dos filhos ilegítimos».

Mais uma vez nos parece que esta «lição dos factos» prova, justamente ao contrário, a necessidade de uma lei vigorosa e tendo sempre em mente os causadores dos problemas de filiação que se levantam, e

Cont. na SEGUNDA página



Natal de 66.
Não o esqueçamos nunca. Para nós o Natal não foi a celebração de um acontecimento passado, mas a vivência de um facto presente. O Filho de Deus, incarnado, aproximou os homens de Deus e os homens uns dos outros. À medida que esta aproximação se vai tornando real, efectiva, assim se vive o Natal.

De Luanda vieram 5.000\$00 do Hugo Manuel a desejar «um Santo Natal e peço a Deus que continue abençoar a nossa Obra». De Benguela, primeiro veio a esposa com 500\$00 e a seguir o marido com outros 500\$00 e o pai com 500\$00 e outros mimos. De uma amiga ausente na Metrópole, 1.000\$. Mais 150\$00 também de Benguela; 2.000\$00 de uma empresa do Lobito e mais os 600 litros habituais de gasoil doutra empresa; e mais 200 doutra e outros 200. Da comunidade do Colégio de N.ª S.ª da Conceição 1.000\$00 «uma pedra pequenina para o andamento das obras» + 1.500\$00 de uma campanha feita entre as alunas.

Assim se vão preparando as alunas para que vivam o Natal como acontecimento presente.

Pessoa muito amiga, mesmo à saída da fábrica, enquanto esperávamos a passagem do comboio pega na caneta e no livro de cheques e corre a entregar-nos 1.000\$00. Que o Pai do Céu olhe pelo seu menino, há pouco tempo operado. De uma amiguinha dos gaiatos 50\$00. Da Catumbela 100\$00. Do Cubal estas linhas que nos comovem: «Aproxima-se o Natal e não quero deixar de mostrar que vos lembro pelo que envio uma pequenina migalha para ajudar à compra do açúcar das «boboas» que desejo comam com saúde, alegria na Paz do Senhor. Espero desculpa pela insignificância que reforço pelo valor da intenção». Que delicadeza!

Da A. I. P. 500\$00; e mais 500\$00 e mais 1.000\$00; mais 100\$00 da Catumbela e mais 50\$00; 200\$00 «pela alma do Leonel».

De novo Benguela com 7.500\$00 de J. D. A. e votos de um «Novo Ano cheio de saúde e Paz». Todos os meses lhe batemos à porta pelos 500\$00 habituais. Muitas lembranças. Muitas Caixas de mimos: vinhos de A. P. mais vinhos e guloseimas de A. S. F.. E mais este bilhete tão delicado: «venho trazer por este meio 50\$00 para a sua Obra. E só peço a esmola de umas orações pela

minha cura». Mais 70\$00; De L. e G. uma peça de pano e «desejos de um Natal feliz». Mais uma Caixa de atum e mais outra. M. e M. veio com um fardo de bacalhau. Amigos do Lobito vieram com 500\$00 para pagar a assinatura do «Gaiato» e o restante para celebrar as Festas do Natal; 1.000\$00 de uma senhora anónima; mais 1.000\$00 de outra empresa de quem temos recebido auxílio valioso para as obras; outro casal amigo de Benguela com 500\$00; mais um caixote de massas e uma oferta de carnes de um talho amigo; uma mala de roupas de Vila Pereira d'Ega. Nas vésperas demos volta pelas casas de bebidas: Canada Dry, Siral e Redil, onde fomos recebidos com simpatia. Passámos também pela Cuca e pela Nocal. Foi um regalo!

De um amigo 1.000\$00 e mais 150\$00 de anónimo e 400\$00 dados com muito carinho e de lágrimas nos olhos.

Mesmo à hora da ceia um casal amigo veio com brinquedos, feitos por suas mãos e dos filhos, compartilhar com os «nossos filhos». E tantos outros! Não podemos esquecer o Natal de 1966!

x x x

As nossas obras continuam. As aflições também. É o depósito da água que precisa de cimento, muito cimento e ferro. É a Casa Mãe ainda a precisar de muita coisa. Ai as tintas para a Casa Mãe! Ai os vidros para a Casa Mãe! Precisamos de sentir que todos os dias do ano são dias de Natal. Foram muitos os presentes. Mas há muitos ausentes ainda.

Padre Manuel

Aqui, Lisboa!

Continuação da PRIMEIRA pág.

cintura para cima taparam pudicamente os seios com as suas bandejas. ao apresentarem-se, a noite passada, num restaurante de um clube desta capital, e não mostraram vontade de as baixar. A moda de criadas de vestidos sem corpetes voltou a Londres — legalmente desta vez...». Os sublinhados são nossos e que nos perdoem os nossos Amigos leitores a fidelidade da transcrição. Nós, que temos à nossa guarda Rapazes para educar, tememos

O «Caretas» veio ontem dizer-me que fazia anos. É costume avisarem-me na véspera. Gosto de rezar por eles na Missa e, se possível, dar-lhes um estímulo.

«Caretas» não tinha falado do aniversário, mas ontem de manhã não entrou no refeitório para o pequeno almoço. Encostou-se ao canto da entrada para a cozinha, com as mãos nos bolsos dos calções, com a cabeça entre os ombros aquecendo o pescoço e as orelhas.

Dei com ele.

— Que fazes aqui?...

— Sepacilo, eu hoje faço anos!

«Caretas» é da extremidade longa de um produto de miséria humana que rolou sobre gerações.

Sua Mãe é uma mulher «contratada». Veio cá, outro dia. Não entrou. Ficou junto das escolas encostada a um eucalipto. Ao chegar a Casa encontrei-a e estabeleci diálogo:

— A Senhora deseja alguma coisa?

— Venho ver o meu filho, o Mário.

Que cara!... Que aspecto!... Que mulher!... Que Mãe!... Que dor!...

Eu já sabia da sua vida e exortei-a a fugir daquele inferno, pondo-lhe nos olhos a presença do filho grande.

— Que quer, Sr. Prior. Somos filhos da «fraca sorte». Minha mãe também já era e minhas irmãs também são. Depois que «isto» acabou ando «contrata-



da». Acabamos de chegar da Algarve e agora vamos não sei para onde!...

«Caretas» é uma criança difícil e de aspecto repelente. Quase todo o rosto está cicatrizado de uma grande queimadura que lhe atingiu toda a cara. Daí o apelido. A manhã estava fria e húmida.

Abajei-o debaixo da minha capa quente e apertei-o de encontro ao meu flanco.

— Então vais rezar comigo a missa?!

Rezámos os dois juntos ao mesmo Pai. De vez em quando olhava-o. Ele olhava-me. Nos seus olhos sem brilho bailava um misto de incompreensão, de angústia, de apatia e de pergunta.

«O Senhor esteja contigo». Ele tornava a fitar-me na mesma posição de boca aberta e na mesma expressão e nada respondia. Não sentia a presença de Deus. Todo o amor humano por que esta Presença se transmite e se faz sentir estava ausente do seu coração.

Padre Acílio

Andou-me na alma o dia inteiro o olhar do «Caretas» e o seu silêncio como uma acusação terrível às gerações passadas, presentes e vindouras!

O nosso Natal, este ano, foi muito fraco. Não sei porquê. Quase ninguém se lembrou de nós. Apenas alguns Amigos que nunca se esqueceram trouxeram a sua ajuda. O resto foi um gelo!...

Os sapateiros de Setúbal fecharam os ouvidos ao pedido de calçado. Só apareceram 7 pares.

As nossas Obras prosseguem em ritmo acelerado. Eu sinto tanta necessidade de ser um padre dos rapazes. Tenho sido e terei de ser mais algum tempo um padre de obras. A organização de uma Obra como a nossa não se pode montar em barracões, nem tão pouco em situações provisórias. O Lar junto das oficinas, no coração da cidade, está a chegar ao primeiro piso. É uma habitação familiar com capacidade para 60 rapazes. Um mimo. Tem sido levantado com o nosso esforço. A cidade de Setúbal tem olhado para as nossas obras impávida e serena. Tem sido poucos os que a tornaram sua. Os nossos amigos de longe não têm sabido. Eu nem sequer olho para as facturas que vêm ao fim do mês. Ando prá frente.

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página
não só, ou não tanto, os seus efeitos.

Nem voltariamos ao mesmo texto se aqui se não tocasse um outro aspecto, aliás, já por nós considerado digno de atenção: o de que a legitimidade não é um estado consequente a um acto, mas consequente deste e a manter por uma cons-

tante actuação legítima. Quanto a nós diríamos fora da lei, por contrário à LEI, o pai (mesmo o dito legítimo) que infringe os seus deveres para com os filhos. E se fora da lei, merecedor de cair sob a alçada da lei.

Pois claro que os pais normais (conformes à «norma dirigida à consciência humana» que é a LEI) velam pelos seus filhos, dedicam-lhes o seu esforço e o seu amor por imposição do afecto e da consciência. E neste grupo cabem alguns pais — graças a Deus, e honra lhes seja prestada — mesmo muitos pais que não são legítimos.

Mas estes não são os que levantam problemas ao bem social que as leis devem promover. Por isso mesmo me parece evidente que o legislador tem de ter especialmente em vista a defesa dos filhos de pais não normais, quer sejam «ilegítimos», segundo a classificação que ele adopta, quer sejam «legítimos», mas vítimas da ineficácia do afecto e da consciência de seus «legítimos» pais. E quantos abandonados por esse mundo fora não vivem a insegurança em que os pais os colocaram, à mercê de todos os riscos físicos e morais que a sorte lhes proporcionar!

E então a estes o que se faz? Diz-se-lhes que «não é o mero regime legal a causa de inferioridade da sua condição»? Ou procura-se que o regime legal não permita que «as garantias em questão se mostrem

pouco eficazes», ainda que para isso seja preciso guardar a vinha com o medo, «completando-as, (as ditas garantias) por via penal», como se faz em muitos países, e que não vemos que perigos possa trazer à família, a não ser no nível de abstracção em que o legislador pensa, não no plano de encarnação em que eston escrevendo.

«Será nos desígnios da Providência» que encontraremos as culpas que o legislador procura sacudir do regime legal? — comenta um homem de direito e perguntamos nós.

Filhos nascidos fora do contexto humano que é uma Família legítima sempre os haverá. Filhos nascidos neste contexto, mas depois reduzidos, pela abandono dos pais, a condição semelhante à dos primeiros, também sempre os haverá. E então, que faz a lei por eles? Levantar Casas de Assistência, ou Refúgios para menores?... Este sim é que é «um remédio precário e cheio de perigos para a família», enquanto significa uma aceitação generalizada da demissão de muitos homens dos seus deveres de pai. — falta que a lei deixa impune, talvez não por princípio, mas por ineficácia resultante da sua fraqueza.

Que o legislador volte a debruçar-se sobre a lei, depois de o ter feito sobre «a realidade viva, que não muda de natureza só porque a lei a cobre ou disfarça com um manto protector».

Uma pequena notícia: as obras da nossa Aldeia continuam e os artistas continuam a gastar ferro, madeira, tijolos e cimento.

Padre Luis



Do que nós necessitamos

E aqui vai mais uma carapuda de presenças que, durante o mês findo, cá vieram dar. E se aqui não vês a tua, leitor, tem a certeza que foi recebida. Deus o sabe.

500\$ de Angola. Lembrança para o Amândio — «a menina dos olhos da Vossa Aldeia» com muitos beijinhos de Maria». Na verdade, o nosso batatinha é um amor de criança e de simpatia.

Mais 4 cobertores de Riba d'Ave. E que bons! Mais roupas e bonecos da Beira. De Masouco, 100\$. De Cabeceiras de Basto, igual quantia e muita amizade dum Amigo e assinante. Uma caixa de vinho do Porto e 100\$ da Princel, C. S. com 500\$. Donativo de 580\$ entregue no Lar do Porto. Mais 50\$ de Lisboa e mais 100\$ do Porto. Encomendas com roupas e várias coisas, do Barreiro, da filha da assinante 20380. A oferta de todos os anos da firma Manuel D. Póças Júnior, Lda com uma caixa do precioso e sempre afamado Vinho do Porto.

De Senhora amiga, de Casal-delto, 50\$, roupas, e rebuçados e muita estima por todos nós. Caravelos com 100\$. Da Agência em Tomar, de Pinto de Magalhães, 500\$. É anual esta dívida. Maria Helena com 100\$, mais um envelope com 300\$, dum simpático par de jovens, na véspera de Natal. E 5.000\$ de não sei de onde. Mais um anónimo, do Porto, com 1.500\$. Lisboa com 200\$. Do Porto 50\$. Idem de Elvas. Mais da Invieta, 20\$, 40\$, 150\$, 50\$, 1.000\$, e 250\$. E 12 pares de calçado, da União Eléctrica Portuguesa. Já o ano passado assim fizeram, estes bons Amigos. De Lisboa, donativos de 100\$, 50\$, 100\$, 50\$ e 500\$. Do Externato de Camões em Rio Tinto, 275\$, produto dum pedidório feito entre pessoal, professores e alunos e directores. O nosso obrigado.

Encomenda e 20\$ de «uma Peadora». Roupas de Lisboa. Da Foz do Douro, 50\$. De um casal do Porto, 400\$. Do Sr. Melo, «Cursista», 2.000\$. Vem todos os anos, este Amigo. Ass. 4987 com 500\$. De Lourenço Marques, 100\$. Idem de Vilar Formoso, 120\$ do Porto. Gaia com 20\$. De Gondomar, 150\$. Presenças habituais do Sr. Manuel da Rua da Corticeira. De Lourosa, 50\$. Lãs de Arrancada do Vouga. Roupas de «uma Mãe Alentejana». 50\$ do Porto. Anónimo com 20\$. Alcobaca com 300\$. «Por alma de meus pais», 100\$. Nisa com 200\$. De Braga, 70\$. Donativos entregues em «O Comércio do Porto», totalizaram 500\$. Uma mobília linda, de sala de jantar, de um casal infinitamente simpático. Veio de Matosinhos esta dívida. O Senhor os recompense.

De Polónio Basto & Cia, donativos de 500\$ + 500\$. Um, pelas festas natalícias, outro pelo aniversário da Firma

Mais 100\$, de Lisboa. De M. M. G., do Porto, 600\$. E 17 metros de Cheviote, de Benedito Barros & Cia. De uma promessa, 50\$. Mais 100\$ do Porto. Mais 20\$ de uma promessa. E Oliveira de Azeméis com 50\$. Mais muitos e variados pacotes e donativos deixados no Espelho da Moda, porta sempre aberta para tudo da Casa do Gaiato.

Mais camisolas, 2 cobertores pró «Calvário» e um vale de 300\$, da assinante 16117, e sua dor pela perda do marido. O Senhor o tenha em sua Glória.

E cá vai a Senhora dos cobertores que, como costume e desde há anos, não falta nesta época. São 5.000\$ para a compra deles.

Mais 100\$ do Arieiro, 50\$ de Leiria. «Para o mais Pobre dos Pobres», 250\$. Soure com 100\$. Os costumados 100\$ da Av. Almirante Reis. Roupas entregues pelo nosso António Carpinteiro. Migalha de 20\$ do Porto. Idem de Espinho. De A. Santos, 70\$. «Amargurada pelo dia 22», com 50\$. Gaia com 20\$. E vários donativos pró Bartedo. «Uma vossa amiga» com 240\$. Lisboa com 150\$. Ass. 32616 com 50\$. Calçado de Paços de Brandão. É oferta de todos os anos. Do sobrevivente do casal R. D., 50\$ + 500\$ e um pacote com roupas. Deus o ajude, bom Amigo.

Rio Tinto com 100\$. De Matosinhos 50\$. «por alma de Manuel». Mais 20\$ de Lisboa. Ass. 9841 com 50\$. Do Canadá 1 dollar. E 40\$ da Capital. Roupas da ass. 17022. Mais

delas do Barreiro e Portalegre. 100 angolares de Cubal. António com 200\$. De S. Pedro do Sul 40\$. Porto com 300\$. E ass. 14555 com roupas. Da Tabacaria Luso, um vale de 340\$, produto dos donativos lançados no mealheiro existente naquele estabelecimento. «Desconhecido» de Ihavo com 20\$. Idem de Lisboa, 200\$ de Luanda. Luísa com 20\$. «para um pinguinho de azeite para as rabanadas». E 600\$, do pessoal das secções de Fiação e Tecelagem da Fábrica de Fiação e Tecidos de Jacinto, Lda. São presenças amigas, a deste Pessoal.

E de Sendim — Matosinhos, uma carta linda com 100\$. Da missiva respigamos estas linhas:

«Este dinheiro é fruto da venda de dois cobertores novos, que se destinam a um enfermo Pobre, como eu, há 13 anos com paralisia, no leito. E louvo ao Senhor, porque a Sua Misericórdia é grande e a Sua Santa sabedoria imensamente infinita».

E para finalizar, mais uma carta que se publica na íntegra. Ei-la:

«Era uma vez... Poderia começar assim uma linda história de amor cujo símbolo foi essa aliança, se dentro de cada coração houvesse a generosidade dum doação integral e na alma a promessa dum vida digna, sem fins duplos e ignóbeis.

É o presente de Natal cujo valor reverterá a favor dum cancerosa. Que essa doente, talvez feliz na sua infelicidade, peça ao Deus Menino que não se esqueça de deixar alguma dívida no sapatinho dum jovem professora de espírito triste e coração vazio. Uma professora».

Manuel Pinto

RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

Eu não devia dizer nada — e pouco vou dizer! — sufocado como estou, ao reler parte das muitas cartas recebidas por mor dos livros, que merecem ser transcritas!

A avalanche foi do Natal, do Ano Novo?! Sim. A quadra presta-se a explosões de renovação espiritual — latente nos homens, ainda que os pessimistas creiam o contrário.

Olhem para Moçambique:

«Acabo de receber as obras do PAI AMÉRICO, bela e ricamente encadernadas. Foi a melhor prenda de Natal que me poderia ter cabido, ou antes, à nossa Família, pois, tais volumes, passarão a ser da Família Gil».

E Orca — Beira Baixa:

«Agradeço-vos imenso a prontidão com que me enviastes os livros que para aí pedi há dias. Peço-vos desculpa (fui descuidado, vendo a necessidade que os Pobres têm de dinheiro, em vos escrever e mandar o dinheiro). Aqui vos mando 100\$00 e um muito obrigado... e um pedido de oração — para que eu saiba ser Pobre, que eu saiba amar os Pobres e dar tudo o que tenho aos Pobres quando for mais velho — tenho 20 anos — quando for independente e completamente livre. Necessito muito da vossa oração».

Agora é Santarém:

«Há muito que sou um fervoroso admirador da Obra da Rua e do seu inolvidável fundador, esse genuíno apóstolo do Cristianismo, que foi o Padre Américo. Decorridos já uns largos anos, re-

corlo ainda, com uma grande emoção, as suas palavras tão simples, mas impregnadas do mais intenso humanismo, que eu tive a felicidade de ouvir proferir no decurso da Peregrinação de Maio ao Santuário de Fátima. Pai Américo não se preocupava com artificios literários para deslumbrar as «massas populares», limitando-se apenas a deixar falar o coração. E nisso revelava sinceramente o seu acrisolado amor pelo próximo, sentindo na sua carne os sofrimentos dos Pobres, insurgindo-se contra todas as injustiças, procurando minorar a miséria de muitos, tornando um pouco melhor esta sociedade corrupta e egoísta, que tem ainda o desprante de se denominar cristã.

«E pensando em Pai Américo, que eu desejo principiar um Novo Ano de 1967, com uma atitude nobre, saindo do comodismo e do egocentrismo em que vivemos. Assim, desejo que me considerem desde já assinante do vosso jornal e que me enviem o livro «Obra da Rua», pois estou ansioso de saborear a prosa sublime de Pai Américo».

Um salto a Montemor o Novo:

«Se assim o entenderem, peço que me enviem qualquer Obra das vossas. Não escolho. Todas elas são lição do verdadeiro amor de Deus. Por conseguinte, se o Evangelho, variando, é sempre luz. Verdade, Vida, também essas obras, que tão bem alestam o 1.º grande mandamento do Senhor».

Atenção a Coimbra:

«Não assino o nosso «O Gaiato» porque me dá um prazer muito maior recebê-lo por mão própria, mas nunca deixo de ler de fio a pavio todos os números do FAMOSO. Por isso, não sendo assinante, não recebi o postal-aviso da vossa Editorial, mas não quero demorar por mais tempo a leitura das obras de Pai Américo: peço portanto o favor de me enviarem logo que possível um exemplar de todas as obras publicadas. Hoje mesmo mandei um vale postal registado».

Fecha-mos a coluna por S. Mamede d'Infesta:

«Eu cá tenho andado com a minha tarefa: espalhar a boa leitura».

Digo-lhe que até me desfiz do livro que era meu para não deixar arrefecer! Agora mande-me 2; um é para mim e vou ver se ainda passo o outro. É para fazer um quarteirão deles. Dentro em breve vai o dinheiro».

Pudéssemos publicar (se houvesse espaço) todos os desabafos

Continua na QUARTA página

Vendas a prestações

Quem contacta de perto com os problemas dos Pobres, encontra-se muita vez com os desequilíbrios que em finanças já cronicamente deficitárias provoca esta rasteira que são as «vendas a prestações».

É sabido que a miséria é má conselheira e péssimo meio para o florescer do bom senso. Em casa dos Pobres onde falta o pão, deparamos, às vezes, com gastos disparatados, que uma Família de mais recursos não faz e aqueles sim, porque em época de mais fartura, esquecem (talvez seja uma necessidade!) os tempos de «vacas magras», que são o costume.

Para estes, que raramente realizam o custo total de qualquer objecto que passe de poucos escudos, aparecem como uma facilidade as vendas a prestações. E como são só 5\$00 por semana para este «pagamento» e 2\$50 para aquele e mais outros 5\$00 para outro... caiem na tentação. E lá vem para casa um fato que lhes não

pertence, e uns sapatos; às vezes, mesmo, um rádio ou máquina fotográfica, sem esquecer a excursão anual que lá no bairro alguém promove. Depois surge qualquer contratempo; não podem chegar a tantos «pagamentos» — e lá se vai o fato e os sapatos e o rádio e a máquina, mas o dinheiro que já deram esse fica nas mãos do que vende a prestações.

Eu não estou aqui a dizer mal do facilitar crédito a quem precisa dele. Estou somente a chamar a atenção de quem de direito para uma exploração montada e encapada de cordeiro, que sai muitas vezes lobo devorador dos Pobres que caem na armadilha. E são os mais Pobres os que mais caem! Os de finanças modestas mas equilibradas, que não conhecem a fartura, mas também não a miséria — esses não precisam tanto de recorrer a tal modo de compras e na sua condição mediana, onde a virtude é mais fácil, fazem as suas eco-

nomias, têm os seus mealheiros e juntam antes a quantia com que depois hão-de comprar.

É tão raro encontrar entre os Pobres quem faça assim! Mas quando damos com alguém deste pensar é uma alegria! E também conhecemos Pobres limpos, remediados, que sabem tirar partido do pouquinho que têm à mão, e vivem contentes. Porém tão raros...!

Ora bom é que este negócio seja melhor regulado e mais fiscalizado. E não toparemos com tantas vítimas angustiadas desta forma de penhorismo, que parece ao invés e vem dar ao mesmo resultado da «casa de prego».



PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

* Caros leitores, uma vez mais presente nestas colunas de «O Gaiato», aqui estamos nós para vos dar mais algumas passagens do nosso dia a dia.

* Natal: Passámos mais esta data festiva do Nascimento de Cristo, felizmente na graça do Senhor. Na véspera tivemos uma peça de teatro em que os nossos actores não se saíram nada mal. Também se exibiu o nosso grupo de canto coral, que cantou algumas canções mais conhecidas do nosso povo. Logo depois de alguns rapazes mostrarem as suas habilidades a cantar, tivemos a Missa do Galo que foi celebrada pelo Sr. P. e Luís.

* Visitantes: Tivemos a visita de algumas excursões de estudantes que verificaram como é a nossa Casa e o nosso trabalho e foram contentes com tudo o que viram. Também tivemos a visita de vários amigos nesta quadra festiva do Natal que nos deram várias encomendas.

Bem haja a todos.

* Obras: As poeilgas crescem, graças a Deus, com o labor de quantos nelas trabalham. Os galinheiros dentro em pouco também se hão-de tornar realidade se Deus o permitir. Assim a nova Aldeia do Tojal cresce com a ajuda de Deus que vela por nós.

* Aniversário: No passado dia 2 fez vinte e sete anos, que Pai Américo

Visado pela

Comissão de Censura

Respostas ao postal-aviso da nossa Editorial

Cont. da TERCEIRA página

d'alma que temos em mãos! Hinos d'amor decalcados no salmista; súplicas fervorosas; consciências alertadas, no mundo em reboliço; enfim, quadros d'alma que se nem todos dão fé é porque ainda o Fogo não aqueceu os seus corações. E é preciso. Não podemos perder tempo. Há que abrir os olhos e os ouvidos de toda a gente, como faz — e muito bem! — aquela nossa Amiga de S. Mamede d'Infesta: «Digo-lhe que até me desfiz do livro que era meu, para não deixar arrefecer!» É assim o Cristão, ainda que fraco e pecador. Não se guarda. Não se fecha. Abre-se. Dá-se. E o dar daquela mulher de S. Mamede — uma Operária! — lembra as corajosas Mulheres de há vinte séculos — que devem servir de norte às do século XX.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

fundou a nossa Obra em Miranda do Corvo com os três primeiros gaiatos. É uma data que nós gaiatos não podemos esquecer na nossa memória, mas sim recordá-la pelos anos fora.

* Doutrina: Já um pouco atrasada eis que começou a catequese, no passado dia 28 de Dezembro.

Os nossos catequistas este ano tiveram uma preparação, que alguns seminaristas nossos amigos, tiveram a amabilidade de virem até a nossa Casa, mostrar a todos os nossos catequistas, como se deve ensinar a Doutrina aos nossos rapazes mais pequenos. Aqui fica o nosso muito obrigado a todos esses futuros sacerdotes.

Desde já me despeço de todos os leitores até a uma próxima oportunidade se Deus o permitir.

Joaquim Martins

Paço de Sousa

* Festa de Natal. Como sempre fizemos uma pequenina festa familiar, para melhor passarmos o nosso Natal. Os mais habilidosos apresentaram duas peças de teatro e um acto de variedades preenchendo assim os dois dias de espectáculo, 24 e 25. Tivemos entre nós — colaborando no espectáculo do dia 25 — o nosso amigo «Fredi-Somar» com um dos componentes do seu conjunto, os quais animaram imenso a pequenina festa. Aqui deixamos expresso o nosso agradecimento.

* Tropas — Mais três que dentro em breve terão sobre si a farda militar. São eles, Cerqueira, o Adriano Mota e o Matos que está ainda sob os efeitos da operação a que foi submetido há dias e que certamente não poderá ser já incorporado. Felicidades para os novos!

* O Zé Adolfo colecciona «O Gaiato». Apenas lhe falta o número 21 para completar a sua estimada colecção. Ele pede a quem o tenha, e não faça qualquer arranjo que o remeta para a nossa Casa em seu nome.

João da Rocha

MIRANDA DO CORVO

* Mais um Natal passou, mas ficou a recordação do Menino nascido pobremente num curral, e essa recordação permanece na mente de cada um de nós.

Celebrou-se em nossa casa, a respectiva festa. Desde o mais pequenito ao maior a alegria era a mesma, tanto interna como externamente.

A consoada de Natal veio abrir o activo. Batatas, couves e bacalhau, é o prato tradicional da noite de Natal. À meia noite reunimo-nos todos à volta da Mesa Sagrada para celebrarmos a festa do Nascimento de Jesus.

De manhã novo fulgor brilhou no Céu. O Sol bendito começa a aquecer a atmosfera. Levantamo-nos ainda sonolentos, mas na esperança de um

belo dia consagrado ao Senhor.

A manhã foi passada em recreio. De tarde pelas cinco horas e meia chamaram-nos para as escolas afim de vermos o teatro, ensaiado pelo João. As vedetas foram os batatinhas. Esteve bastante gente a assistir à nossa festa. Logo a seguir ao teatro, rezámos o terço para terminarmos o belo dia que brotava as últimas horas.

Depois disto esperavamos o fim do ano e a entrada do Novo Ano.

No dia 31 à noite uns Senhores amigos de Miranda ofereceram-nos um

saco de castanhas e um pipito de vinho.

Comemos e bebemos bem e ficámos satisfeitos. Passámos assim as belas festas de fim de ano.

* Nestes dias como não há muito que fazer temos ajudado ao máto, para não ficarmos sem fazer nada.

* Vieram cá para Casa mais dois pequenitos, para fazerem parte dos batatinhas.

Henrique Carvalho

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

* A CONSOADA — Foi uma tarde alegre e muito cheia, a distribuição da Consoada! Servimo-nos do nosso «Morris», que palmilhou a freguesia de lés a lés. Em casa dos nossos Pobres houve suspiros de contentamento. Pena é, em dias assim, a gente não poder prolongar a estadia em seus lares! O Pobre gosta de falar. E nós precisamos de ouvir. Mas, não podemos fazer andar os relógios pra trás! E somos obrigados a raciocinar tempo em casa de cada um, já que são tantos e a freguesia é muito grande.

Em nossa companhia foi Quim e Padre José Maria. Os embrulhos che-

garam prós três, graças a Deus! A abertura dos ditos, gerou ais sucessivos: era o azeite, o cacete, as roupas — tudo eram ais! E caras risonhas. O Pobre, amado e compreendido em sua casa, é assim. A gente recebe mais do que o que dá. E como é triste (lenbrei tantas vezes enquanto decorria a nossa distribuição) e como é triste, repito, o espectáculo que oferecem os Bodos, bodozinhos que por aí se distribuem espectacularmente, com os Pobres em bicha, ou em salões, ou em cinemas, — onde de na vista — para serem vistos!... Quando é que os homens abrem os olhos para ver

A ignorância não costuma aproveitar a ninguém. Muito menos em Auto-Construção. Tratando-se dum empreendimento difícil, demorado e custoso, há toda a vantagem em cada um ter ideias claras dos mínimos pormenores do movimento. Cada elemento do grupo deverá ser bem informado de tudo, em particular. Antes de mais é preciso que cada um saiba que entrar para um grupo de Auto-Construtores é contraír uma obrigação séria, um encargo pesado. Fazer uma casa é uma tarefa difícil a toda a gente. Fazer um grupo de casas por um grupo de trabalhadores não é, evidentemente, uma brincadeira de crianças. Muito ao contrário.

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

permite que haja assim mulheres abandonadas, com filhos, a aparecerem mortas de um dia para o outro. Docu-me o tio do Manelo que bebe e não gosta de trabalhar. Doe-me o desabafo da pobre mulher doente que tinha o Manelo em casa e se queixou dos maus tratos do Marido e da doença dos filhos. Doeram-me muito, muito, todos os Agostinhos e Manelos que sem família, vagueiam e vadiam pelas ruas das terras.

Era a festa de Natal e todos nós a celebramos, mas quantos despedidos de espírito!...

Padre Horácio

que isso não está bem, nem de acordo com a Doutrina do Mestre?! Fala-se, agora, tanto na promoção social...!

* O QUE RECEBEMOS — Esta quinzena foi farta, graças a Deus. O Senhor não podia abandonar-nos. Ele sabe, melhor do que nós, o que é preciso. E não falta, desde que a gente tenha, ao menos uma résteazinha de Fé. Abre Alice Pequena com 100\$00, pela mão de um nosso Amigo. Mais 5\$00, de Gaia. Como adoramos as migalhas! E 50\$00 da Cova da Iria — terra sagrada. Mais 10\$00 de Figueira de Castelo Rodrigo pedindo «muita desculpa da insignificância da oferta, mas tenho tanto com quem repartir e a vida está tão cara, que é só para marcar presença e pedir a Deus que inspire maiores generosidades». Que legenda cheia de verdade! É duma Dona de Casa. Isto diz muito, diz tudo. Mais 50\$00, de Espinho. O mesmo de Vila de Rei, suplicando «uma oração pelas Almas de toda a minha Família e de minha Mulher nesta quadra em que na terra não nos podemos reunir já». Mais beleza! E 10\$00 de Aveiro. E 20\$00 de algures. E 200\$00 de «Uma Alentejana». E 50\$00 de um anónimo. E 100\$00 do assinante 23998. E 180\$00 de uma funcionária da Companhia dos Telefones, do Porto. E 1.000\$00 de um Engenheiro muito amigo, de Lisboa. Que rica oferta! E que dores de cabeça ela nos veio tirar! Mais 20\$00 do Porto, assinante 14741. E mais 50\$ da Invieta, assinante 13025. Mais o dobro, também do Porto, pela mão da assinante 23862. Finalmente, 1.000\$50, receita das duas festas de Natal que o nosso Grupo Cénico ofereceu aos Pobres. Para todos, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes



Deve-se explicar bem, desde a primeira hora, que o rendimento dos diferentes membros do grupo nunca será matematicamente igual. Este facto, evidente em si mesmo, é sempre fonte de um ou outro pequeno atrito entre os trabalhadores. Em toda a sociedade uns são prejudicados e outros favorecidos. Também assim em Auto-Construção. É certo que, por último, bem avaliadas as coisas, ficarão todos fornecidos. E a prova está em que cada vez se multiplicam mais todas as espécies de sociedades. O homem só, por si mesmo, cada vez está mais longe de solucionar os seus problemas. A humanidade não caminha nesse sentido. Realmente, uns cumprirão melhor que os outros, mas, por último, todos beneficiarão. Ora os membros de uma equipa devem ter em conta este facto desde o princípio. Auto-Construção exigirá um grande sacrifício. O trabalhador que quiser construir uma casa por este sistema, terá de economizar muito tempo e muito dinheiro. Sem uma grande economia de tempo e de dinheiro, feita por todos os elementos do grupo, não poderá haver Auto-Construção. Não se vão tirar os rapazes dos seus empregos, dos seus officios, dos

seus lugares. Têm de continuar a ser operários, artistas, modestos empregados e, ao mesmo tempo, Auto-Construtores das suas casas. Têm de continuar a cumprir seus lugares nas suas oficinas. Auto-Construção não tira ninguém do seu lugar. Pretende ajudar trabalhadores a fazerem as suas próprias casas nos tempos livres que todo o homem tem. Ainda Auto-Construção não patrocina casas sem um mínimo de condições. Cada vivenda ficará a valer à volta dos oitenta contos.

Daí o grande sacrifício que se pede, pois, em trabalho e em dinheiro. Para dez casas terão de aparecer oitocentos contos. As casas demorarão a fazer dois ou três anos. Ninguém se iluda, pensando que este prazo poderá ser muito mais pequeno. Não pode ser. Então se, de princípio, dissermos isto tudo e ainda mais, haverá algum operário que queira ser Auto-Construtor? Haverá sempre e em toda a parte quem prefira a Verdade nua e crua, ainda que dolorosa.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira.

Padre Fonseca